



**TEORIA DO APEGO: CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E RELAÇÕES
INTERPESSOAIS DA CRIANÇA**

Marina Gabriela Padilha

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**TEORIA DO APEGO: CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E RELAÇÕES
INTERPESSOAIS DA CRIANÇA**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina de PSI0512DA
– Trabalho de Conclusão de Curso II, sob
orientação da Dra. Tânia Maria Cemin.

Marina Gabriela Padilha

Caxias do Sul, 2020

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a minha família, em especial aos meus pais *Osmarino* e *Raquel* que sempre foram meu alicerce, a minha base e maiores incentivadores em busca da realização deste sonho que é a graduação em Psicologia. Minha amada mãe, te agradeço pelo ombro amigo nos momentos de dificuldade, de cansaço, quando muitas vezes me senti incapaz você me encorajou e me mostrou que nada é impossível quando se persevera. Meu herói, meu pai te agradeço por todo o suporte, por não medir esforços para conseguir me dar a dádiva que é o estudo, por muitas vezes abrir mão de algo para me deixar a maior e melhor herança como o senhor mesmo diz, que é/será a minha profissão.

Aos meus avós, *Álvaro* e *Dilce*, que sempre deixaram claro o seu sentimento de orgulho ao acompanhar cada passo ao longo desta caminhada, que me incentivaram a sempre correr atrás dos meus objetivos e não me deixar abalar pelos obstáculos no caminho, por me ensinarem que o importante está na simplicidade de cada ato, quando diz respeito aos aprendizados. Aos meus irmãos, *João Victor* e *Pedro Henrique*, pela parceria de sempre, por compreenderem os meus pedidos de silêncio enquanto estudava e por sempre demonstrarem a admiração que sentem por mim.

Agradeço aos meus amigos, por entenderem os meus momentos de introspecção enquanto estava focada nos estudos, compreenderem a minha ausência em alguns finais de semana e sempre me motivarem a dar o meu melhor. Sou grata também pelas amizades que a graduação me proporcionou, pelas inúmeras experiências e principalmente por aquelas que se mantêm até hoje, com certeza este processo tornou-se mais leve ao dividirmos nossos sentimentos e expectativas. Muito obrigada as minhas parceiras nesta caminhada, *Thaís Gaspari*, *Isadora Poyer* e *Stéfani Torezan*, sem ter vocês ao meu lado nada seria tão grandioso.

A todos os professores que fizeram parte deste processo, que compartilharam dos seus saberes desde o início da graduação, agradeço imensamente por todo empenho e suporte direcionados a mim, por contribuírem para o meu crescimento em todos os sentidos e por alimentarem ainda mais a admiração e amor pela psicologia. Em especial, o meu muito obrigada do fundo do coração para a minha querida orientadora, professora *Tânia Maria Cemin Wagner* pelos ensinamentos, trocas, pela parceria, compreensão e paciência. Foi uma honra ser sua orientanda e dividir com a senhora esta experiência.

Agradeço também a direção e coordenação do meu trabalho, por me permitirem experienciar na prática muitos dos aprendizados obtidos na graduação, valorizar a função a

qual desempenho e sempre conceder para que eu contribua com meus conhecimentos na instituição. Estes momentos com certeza foram e são sem sombra de dúvidas de suma importância em minha jornada acadêmica.

Por último e não menos importante, agradeço a Deus por colocar pessoas tão especiais em minha vida e me proporcionar tantos privilégios.

*“Um dia, quando olhares para trás,
verás que os dias mais belos
foram aqueles em que lutaste.”*

Sigmund Freud

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	11
Objetivo geral.....	11
Objetivos específicos.....	11
REVISÃO DE LITERATURA.....	12
1. Aspectos fundamentais na constituição psíquica de uma criança.....	12
2. Teoria do Apego.....	15
2.1. Conceituar a teoria do apego, enfatizando seus modelos e fases no desenvolvimento da criança.....	16
2.2. As relações familiares, escolares e outras estabelecidas pela criança, a partir de Bowlby.....	20
MÉTODO.....	24
Delineamento.....	24
Fontes.....	24
Instrumentos.....	25
Procedimentos.....	25
Referencial de Análise.....	26
RESULTADOS.....	29
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35
Categoria 1: Relação entre Ova e seus familiares (pai/bisavó).....	35
Categoria 2: Relação de Ova com professora e colegas.....	37
Categoria 3: Relação de Ova com terceiros.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

LISTA DE TABELAS

Página

TABELA 1. Categorias de análise e cenas referentes ao filme.....	29
--	----

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar possíveis contribuições da teoria do apego, quanto às relações familiares, escolares e outras, interferindo na constituição psíquica de uma criança. Sabe-se que são nos primeiros anos de vida da criança que se desenvolvem os padrões de comportamentos que tendem a permanecer e acompanhá-lo ao longo de seu crescimento. Atualmente a necessidade de muitas famílias pelo auxílio de outros serviços direcionados ao cuidado na primeira infância tem crescido consideravelmente, ampliando a rede de relações que a mesma estabelece. Com isso é importante entender a qualidade do vínculo estabelecido, pois este norteará as próximas etapas do desenvolvimento da criança. A teoria do apego ao retratar o estudo da dinâmica que ocorre nas relações interpessoais, explicando a importância das vinculações, bem como o conceito de base segura alicerçam com coerência os aspectos discutidos. Por objetivos específicos foram apresentados: descrever aspectos fundamentais da constituição psíquica de uma criança; conceituar a teoria do apego, enfatizando seus modelos e fases no desenvolvimento da criança; e caracterizar as relações familiares, escolares e outras estabelecidas pela criança, a partir de Bowlby. Os materiais utilizados para a construção do trabalho foram baseados na linha teórica da psicanálise, utilizando livros e artigos de Freud para melhor compreensão acerca de principais aspectos da constituição psíquica, e tendo como foco principal a teoria do apego de Bowlby. Para a elaboração deste, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e interpretativo, utilizando análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999) como referencial de análise. Foram analisados recortes de cenas do filme *Milagre na cela 7* (2019) como fonte para análise, os quais foram agrupados em categorias que dizem respeito à: relação entre a personagem e seus familiares (pai/bisavó), tal visa discutir conteúdos emergentes dos relacionamentos entre a criança e seus familiares, que são as figuras principais no cotidiano da menina; relação da personagem com professora e colegas (escola), esta discorre os conteúdos a partir do contato da criança com o mundo exterior, por meio dos vínculos estabelecidos para além da família; e por fim a relação da personagem estabelecida com outros (terceiros), que possui foco na maneira com a qual a criança lida com determinadas situações, bem como a compreensão da base por trás de sua personalidade. Pode-se considerar a partir da discussão dos dados que, a teoria do apego representa um campo amplo de possibilidades que viabilizam a melhor compreensão do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Relações interpessoais, Base Segura, Teoria do Apego.

INTRODUÇÃO

O tema abordado foi escolhido a partir dos aprendizados obtidos pelas disciplinas de Psicologia da Infância, Processos Psicopatológicos na Infância, além de outras que tem relação com o tema infância. O desejo de escrever sobre tal temática foi se reafirmando com o passar do tempo e as expectativas de exercer a profissão, com atendimento direcionado a crianças e adolescentes, são as que mais despertam o interesse de entender mais sobre, bem como aprofundar os conhecimentos em relação a tal assunto.

Conforme as pesquisas realizadas, pode-se compreender o quão é importante trabalhar as relações na infância, para que a criança obtenha um desenvolvimento saudável. Nos dias atuais percebe-se que por diversos motivos as famílias têm buscado por serviços *terceirizados* de cuidados aos seus filhos pequenos, sejam em escolas de educação infantil, cuidadora particular, recreação, atividades no contra turno, entre outros; de tal maneira ampliando a rede de relações que esta criança estabelecerá, para além da família.

Sabe-se que o estímulo para que as crianças trabalhem suas capacidades sociais é de suma importância e a maneira como este ocorre, implicará diretamente em seu desenvolvimento. É de conhecimento geral, principalmente em uma vertente do olhar da psicanálise, a ideia de que na primeira infância se constrói o alicerce do sujeito, a base em que serão fixadas todas as estruturas para a vida. Sendo assim, compreende-se que a criança que é bem amparada e estimulada em suas relações, será mais confiante e segura, bem como terá uma maturidade emocional bem desenvolvida.

De tal maneira, com interesse em trabalhar na área da infância, prestando auxílio às famílias, acredita-se que seja imprescindível o estudo de determinados aspectos, que tem por objetivo a busca pelo entendimento do bem estar e melhor desenvolvimento da criança. Compreende-se que as contribuições advindas das primeiras relações estabelecidas, são de suma importância no processo da constituição psíquica dela. Dito isto, alguns questionamentos acabam surgindo, como por exemplo: de que forma se dão estas relações? Os cuidados na primeira infância, foram/são adequados? Como é a relação mãe-criança?

Para atender a possíveis respostas, cabe destacar a teoria do apego estudada e desenvolvida por John Bowlby, a qual tem relação com os aspectos anteriormente citados, explicando como a criança associa sua segurança, conforto e proteção à figura de outro sujeito e que estas primeiras relações estabelecidas na infância irão afetar o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida. Portanto, com embasamento em tal teoria acredita-se que possa se obter um dos possíveis entendimentos sobre o tema abordado e para além disso, que as práticas de auxílio possam ser aplicadas com domínio e pertencimento.

Este estudo é de grande relevância na área da psicologia clínica, pois trata-se de um tema que abrange a compreensão da importância das contribuições das relações, sejam elas familiares, escolares ou outras na constituição psíquica da criança, por meio da perspectiva psicanalítica. Sabe-se que a criança é marcada desde o seu nascimento pelas relações que se constroem, e por meio de tais acontecimentos vão desencadear uma série de comportamentos que serão importantes para o desenvolvimento da mesma.

Segundo Becker e Crepaldi (2019), são pelos laços afetivos que se constitui o alicerce fundamental das relações humanas, ao longo de todo o ciclo vital. Na interação com os principais cuidadores, as crianças desenvolvem modelos internos dinâmicos – representações mentais sobre si mesmas, dos outros e o que devem esperar destas relações. Esse processo de vinculação, que atenta para a necessidade humana inata para estabelecer laços afetivos íntimos com pessoas significativas, torna-se a base conceitual que embasa a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby.

Para Cambuí, Neme e Abrão (2016), a teoria psicanalítica propõe que a constituição da saúde psíquica se estabelece a partir da qualidade da inter-relação inicial entre a mãe e o bebê. O sofrimento emocional manifestado mais adiante na vida do indivíduo, pode estar revelando a fragilidade da constituição e sustentação psíquica, decorrente da instabilidade e da ruptura das relações vinculares, principalmente nos períodos iniciais da vida. Considera-se pertinente a busca por reflexões que interroguem as ressonâncias das primeiras experiências relacionais do bebê com o meio que o circunscreve, uma vez que, esse possui papel essencial na formação da saúde mental.

Lopes e Conte (2019) mencionam que o papel do educador se tornou muito mais complexo e amplo, pois deixou de ser apenas o repassador de conhecimentos e informações e já se reconhece como um parceiro do aluno na construção de conhecimentos.

Segundo Carvalho (2017), a criança quando vai para a escola leva consigo toda uma herança social e histórica, agregada pela família e que continua a ser influenciada pelos constructos familiares e pelas motivações que lhe são ou não oferecidos, neste ambiente. Os profissionais educadores devem, dentro de suas práticas, estreitar o relacionamento com as famílias, orientando-as, em circunstâncias pertinentes, sobre suas atitudes e comportamento, em relação ao desenvolvimento dos alunos/filhos. De tal maneira é possível afirmar que a criança não se constrói de forma isolada. Ela é uma intersecção dos fatores familiares e escolares ao qual está inserida. A partir dessa linha de pensamento, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições da teoria do apego, quanto às relações familiares, escolares e outras, interferindo na constituição psíquica de uma criança?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar possíveis contribuições da teoria do apego, quanto às relações familiares, escolares e outras, interferindo na constituição psíquica de uma criança.

Objetivos específicos

Descrever aspectos fundamentais da constituição psíquica de uma criança.

Conceituar a teoria do apego, enfatizando seus modelos e fases no desenvolvimento da criança.

Caracterizar as relações familiares, escolares e outras estabelecidas pela criança, a partir de Bowlby.

REVISÃO DE LITERATURA

1. Aspectos fundamentais na constituição psíquica de uma criança

Mediante os aprendizados obtidos na disciplina de Psicologia e Psicoterapia Psicanalítica, pôde-se compreender que a constituição do psiquismo se dá desde antes do nascimento do bebê, e com o nascimento e a partir do contato com o outro que inicia o desenvolvimento do aparelho psíquico, caracterizando os modelos idealizados por Freud, para melhor explicar a organização e funcionamento da mente de maneira simbólica.

Freud (1938/2014) salienta que chegou ao conhecimento desse aparelho psíquico por meio do estudo do desenvolvimento individual do ser humano. Chamando de *isso* a mais antiga dessas províncias ou instâncias psíquicas; seu conteúdo é tudo aquilo que é herdado, trazido com o nascimento, estabelecido constitucionalmente; sobretudo, os impulsos que provêm da organização física, impulsos que aqui encontram uma primeira expressão psíquica cujas formas nos são desconhecidas.

Ainda nos mesmos escritos, Freud (1938/2014) explica que, sob a influência do mundo exterior real, uma parte do *isso* experimentou um desenvolvimento especial. O que era originalmente uma camada cortical dotada dos órgãos para a recepção de estímulos e dos dispositivos para a proteção contra estímulos se transformou numa organização especial que, desde então, serve de mediadora entre o *isso* e o mundo exterior. A esse distrito da vida psíquica nomeou-se como *eu*.

Sobre tal estudo Freud (1938/2014) ainda menciona que, no período de infância durante o qual o ser humano em desenvolvimento vive na dependência de seus pais, formase no seu *eu* uma instância especial em que essa influência parental tem continuidade. Ela recebeu o nome de *supereu*. Na medida em que esse *supereu* se separa do *eu* ou a ele se contrapõe, ele é um terceiro poder que o *eu* tem de levar em conta. Assim, uma ação do *eu* é correta quando satisfaz ao mesmo tempo as exigências do *isso*, do *supereu* e da realidade, ou seja, quando consegue conciliar suas reivindicações entre si. Os pormenores da relação entre *eu* e *supereu* se tornam inteiramente compreensíveis pela referência à relação da criança com seus pais.

A partir destes escritos, compreende-se que importante parte da teoria freudiana é dedicada ao desenvolvimento da personalidade. Com isto, Guimarães (2012) sustenta que há uma centralidade na obra de Freud sobre o lugar da sexualidade na formação psíquica e na constituição da subjetividade. É considerado que a partir do nascimento, a atividade psíquica se dirige para a satisfação das necessidades da zona erógena. Num primeiro

momento, a pulsão sexual define-se por um processo de apoio em outras atividades somáticas, ligadas a determinadas áreas do corpo. A libido se contextualiza como a energia dessa pulsão sexual, ligada a um órgão ou a zonas erógenas. O que confere o caráter sexual à pulsão é a própria energia libidinal, que se realiza no prazer. De tal maneira, pode-se pensar no ato da amamentação, quando uma criança sente fome e ao saciá-la recebe algo a mais, excedendo o necessário. Esta experiência produz inscrições e registros psíquicos e a partir destes, processa as demandas pulsionais que serão destinadas ou recalçadas armazenando as representações que as mesmas estarão apresentando (Guimarães, 2012).

A presença do outro - o outro materno ou o empenhado nessa função - nas malhas da pulsionalidade do bebê é a única possibilidade de fazer emergir uma constituição psíquica, uma subjetividade. Aliás, é no movimento entre a pulsionalidade e a presença do outro que o fundamento da vida psíquica pode se dar, pelo menos no que concerne à visão freudiana (Guimarães, 2012).

A ideia de sujeito em Freud (1905/1996), mencionada em Couto (2017), se relaciona à exigência de satisfação da pulsão sexual, como é discutido, de forma abrangente, em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1996), texto em que o autor esboça o desenvolvimento psicosexual da criança. Ao afirmar que as crianças obtêm prazer com determinadas atividades cotidianas ligadas ao corpo, como a sucção, a defecação e a masturbação, são tomados como fundamentos da sexualidade infantil, a disposição perverso-polimorfa em desenvolvimento.

Portanto, as manifestações sexuais da criança são perversas porque não têm relação com a reprodução e são polimorfas porque não estão centralizadas em um objeto sexual, mas assumem formas variadas de satisfação por meio de zonas erógenas, partes da pele ou da mucosa de onde se origina uma excitação sexual e que são tomadas como a principal referência para os outros prazeres do corpo. De tal maneira, a obtenção de prazer é encontrada no próprio corpo e não em um objeto externo (Couto, 2017).

Com base na caracterização da vida sexual infantil, apresenta-se as fases do desenvolvimento da organização sexual. A primeira é a fase oral, na qual a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar (Freud, 1905/1996).

Como é de conhecimento, Freud (1905/1996) destaca que a primeira e mais vital das atividades da criança, o ato de mamar no seio materno, há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diz-se que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A

princípio, a satisfação da zona erógena deve ter se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas.

A segunda das fases é a anal (sádico anal), que segundo Freud (1905/1996), tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Em Couto (2017), destaca-se que o objeto que caracteriza a fase sádico-anal são as fezes, utilizadas pela criança como moeda de troca na relação com o seu cuidador. A pulsão de dominação da musculatura do corpo se faz valer a partir do ato de prender/soltar as fezes, que são consideradas pela criança como uma parte de seu próprio corpo, por isso ela tem tanta preocupação com o destino delas. Então, nesta fase, já está presente uma divisão de opostos que perdurará pela vida sexual, o par ativo/passivo, que ainda não pode ser denominado de masculino/feminino, porque a evidência de que meninos e meninas defecam do mesmo modo levaria à percepção de uma ausência de diferença sexual entre os dois.

A terceira fase é dada como atividade da zona genital, também conhecida como fase fálica, em que a genitália é tida como zona erógena, em Freud (1905/1996) é visto que entre as zonas erógenas do corpo infantil, encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Ainda salienta que o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Segundo Freud (1905/1996), a suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a menina não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências.

Couto (2017) menciona que, assim se instala a inveja do pênis, e que de acordo com Freud (1905/1996), diferente do menino que, inicialmente, quando vê a genitália feminina, rejeita a ausência de um pênis, a menina admite que não tem aquilo que viu, mas que quer tê-lo também. Não é que a menina queira um pênis, mas a sensação de potência que tal órgão promove. Nesse sentido, a inveja do pênis corresponde à inveja do falo. Portanto, na fase fálica, o menino experimenta o sentimento de angústia pela possibilidade de perder o falo e a menina sofre por já tê-lo perdido. A partir disso, observa-se que é nesta fase que o

complexo de Édipo se desenvolve. Ainda em Couto (2017), é visto que não tem um prosseguimento até atingir a organização genital adulta, pois é interrompida pelo período de latência, de maneira que Freud (1905/1996) aponta que durante a latência, o investimento libidinal se desloca dos objetivos sexuais, sendo canalizado para outras finalidades, como o desenvolvimento intelectual e social. Diferente das outras fases, nesta não se identifica uma zona específica de erotização, ou seja, a energia libidinal está investida em outro objeto que não o próprio corpo.

Por fim, a última é a fase genital, que segundo Freud (1905/1996), com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual. Com tudo se conclui que, Freud (1905/1996), vai articulando tais fases à pulsão sexual. A mãe, enquanto dispensa seus cuidados ao corpo biológico de seu filho desperta um corpo psíquico, tal é a força da libido, esse componente essencial da sexualidade humana. Nesse sentido, é o contato entre mãe e filho que oferece os contornos de uma estrutura psíquica (Couto, 2017).

Dentro de tais aspectos, Bowlby (2001) menciona que, Freud não só insistiu no fato óbvio de que as raízes da vida emocional mergulham na infância, como também procurou explorar de modo sistemático a ligação entre acontecimentos dos primeiros anos de vida e a estrutura e funcionamento da personalidade adulta.

Neste sentido, como destacado por Albornoz e Nunes (2004), é possível identificar que o conhecimento da trajetória histórica de um sujeito propicia a compreensão das marcas estruturais que dão sentido ao todo do seu ser e que a partir dos estudos realizados na literatura psicanalítica, é possível reconhecer que a personalidade saudável decorre de um desenvolvimento suficientemente bom nos primeiros anos de vida. John Bowlby e outros autores, a partir de suas obras pontuam que o ambiente tem importância determinante no desenvolvimento da criança. Inicialmente, a mãe é o ambiente do bebê; sua presença, continuidade e consistência são decisivos para a estruturação do psiquismo da criança.

2. Teoria do Apego

Os próximos subtítulos dizem respeito aos importantes aspectos referentes à Teoria do Apego. O conteúdo abordado se integra, complementando a linha de raciocínio do enfoque principal, vislumbrando melhor organização, bem como atender e compreender de melhor maneira os objetivos específicos estudados.

2.1. Conceituar a teoria do apego, enfatizando seus modelos e fases no desenvolvimento da criança

Compreende-se que o comportamento de apego é qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerando mais apto para lidar com o mundo (Bowlby, 1989).

Ribas e Moura (2004) consideram o apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. Cabe ressaltar que tanto o vínculo afetivo como o apego são estados internos. Os comportamentos de apego, por sua vez, são observáveis e organizados nas interações das crianças com seus cuidadores, permitindo que a criança consiga ter e manter a proximidade.

Segundo Bowlby (1989), o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, fornece um sentimento de segurança forte e de grande extensão e, então, encoraja a pessoa a valorizar e a continuar a relação. Apesar do comportamento de apego ser mais óbvio na primeira infância, ele pode ser observado durante todo o ciclo da vida. A função biológica atribuída ao comportamento é a proteção.

A teoria do apego é uma tentativa de explicar tanto o comportamento de apego, com seus aparecimentos e desaparecimentos esporádicos, como, também, os apegos duradouros, que crianças e outros indivíduos estabelecem com outros em especial. Nessa teoria o conceito-chave, é o de sistema comportamental (Bowlby, 1989).

Sendo assim, é importante destacar os aspectos enfatizados por Bowlby (1989), em que em um primeiro momento o status primário e a função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos, cuja formação e manutenção são postulados como sendo controlados por um sistema cibernético, situado no sistema nervoso central, que utiliza modelos funcionais de *self* e da figura de apego, um em relação ao outro. O segundo ponto importante será a poderosa influência, no desenvolvimento de uma criança, da maneira como é tratada por seus pais, especialmente pela figura materna, e o terceiro e último dado é que o conhecimento atual do desenvolvimento da criança requer uma teoria do desenvolvimento que possa tomar lugar de teorias que invocam fases específicas do desenvolvimento, nas quais uma pessoa pode tornar-se fixada e/ou pode retornar.

Um dos fatores mais relevantes da teoria do apego é a hipótese de que o comportamento de apego é organizado por meio de um sistema de controle inscrito no sistema nervoso central, de forma análoga aos sistemas de controle fisiológicos, que mantêm medidas fisiológicas, tais como pressão sanguínea e temperatura do corpo (Bowlby, 1989). Desta forma, a teoria propõe que, de forma análoga à homeostase fisiológica, o sistema de

controle do comportamento de apego mantém a relação da pessoa com sua figura de apego dentro de certos limites de distância e acessibilidade, usando, para fazê-lo, métodos extremamente sofisticados de comunicação (Bowlby, 1989).

Para Ribas e Moura (2004), quando se questiona qual a base para a formação do apego é que se evidencia a importância do conceito de responsividade ou sensibilidade neste referencial teórico. Segundo esta teoria, a qualidade do apego dependerá da natureza das interações adulto-criança.

Sabe-se que existem três modelos principais de apego (Bowlby, 1989), a partir disso cabe mencionar suas principais características. O primeiro deles é o do apego seguro, no qual o indivíduo está confiante de que seus pais (ou figuras paternas) estarão disponíveis oferecendo resposta e ajuda, caso ele se depare com alguma situação adversa ou amedrontadora. Essa segurança faz com que ele se sinta corajoso para explorar o mundo. Esse modelo é promovido por um dos pais, especialmente a mãe, nos primeiros anos quando está imediatamente disponível, sensível aos sinais da criança e com respostas amáveis sempre que ela procura proteção e/ou conforto (Bowlby, 1989).

O segundo modelo apresentado é o do apego resistente e ansioso, no qual o indivíduo se mostra incerto quanto à disponibilidade, à possibilidade de receber resposta ou mesmo ajuda por parte de seus pais, caso necessite. Por causa dessa incerteza, ele tende, constantemente, à ansiedade de separação, a ficar *grudado* e a ficar ansioso quanto à exploração do mundo. Esse modelo, no qual fica evidente o conflito, é promovido por pais que se mostram disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e não em outras, é promovido por separações e, como mostram as descobertas clínicas, por ameaças de abandono usadas como meio de controle (Bowlby, 1989).

E por último se tem o terceiro modelo, que é o apego ansioso com evitação, no qual o indivíduo não tem nenhuma confiança de que quando procurar cuidado terá resposta e ajuda, mas, ao contrário, espera ser rejeitado. Quando em grau alto, o indivíduo procura viver sua vida sem o amor e a ajuda de outros, tenta tornar-se emocionalmente autossuficiente e, mais tarde, talvez, seja diagnosticado como narcisista ou *false-self*. Nesse modelo, o conflito está mais escondido, é resultado de constante rejeição por parte da mãe, sempre que o indivíduo a procurava a fim de obter conforto e proteção (Bowlby, 1989).

Conforme descrito por Bowlby (1989), embora os modelos formados estejam aptos a persistirem, não é necessariamente assim. As evidências mostram que durante os dois ou três primeiros anos, o modelo de apego é uma propriedade da relação, por exemplo, criança-mãe ou criança-pai, e se um dos pais passa a tratar a criança de forma diferente, o modelo também se modifica. À medida em que a criança cresce, o modelo se torna cada vez mais uma

propriedade da própria criança, o que significa que ela tenderá a impô-lo, ou algum derivado dele, às novas relações que estabelecer, como com uma professora, uma mãe substituta ou um terapeuta.

Os cuidados maternos com uma criança não se prestam a um rodízio; trata-se de uma relação humana viva, que altera tanto a personalidade da mãe quanto a do filho. A provisão de cuidados maternos não pode ser considerada em termos do número de horas por dia, e sim, em termos do prazer que a mãe e a criança obtêm da companhia um do outro. Tal prazer e profunda identificação de sentimento só são possíveis para ambos se o relacionamento for contínuo (Bowlby, 1981).

Cabe salientar que, conforme Bowlby (1990), o comportamento de apego é visto como aquilo que ocorre quando são ativados certos sistemas comportamentais. De tal maneira, acredita-se que os próprios sistemas comportamentais se desenvolvem no bebê como resultado da sua interação com o meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, em especial, de sua interação com a principal figura nesse meio ambiente, ou seja, a mãe.

Conforme dito por Ramires e Scheneider (2010), o apego tem sua própria motivação interna, distinta da alimentação e do sexo, como postulado pela teoria freudiana, e de igual importância para a sobrevivência (Bowlby, 1989). Sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada pelos comportamentos de apego. Tais comportamentos possibilitam ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego, ou seja, um indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo. Sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, ir atrás são alguns desses comportamentos.

Pensando em uma criança, Bowlby (1990) destaca que o complexo de sistemas comportamentais mediadores do apego se desenvolve a partir do meio do ambiente familiar no qual a criança encontra-se inserida. Tais sistemas se desenvolvem de maneira estável, e foi partir disso, então, que se estudou o modo como o comportamento de apego se desenvolve no ser humano e para que os fins de análise sejam mais precisos, foi conveniente dividir esse desenvolvimento em um número de fases, embora se reconheça que não existem fronteiras nítidas entre elas.

A primeira fase diz respeito à orientação e sinais com discriminação limitada de figura, esta se dá entre o período de 0 a 12 semanas. Bowlby (1990) explica que, é durante esta fase que o bebê se comporta de certos modos característicos em relação às pessoas, mas a sua capacidade para discriminar um indivíduo de outro está limitada aos estímulos olfativos e auditivos. A maneira como o bebê se comporta em relação a qualquer pessoa ao seu redor inclui a orientação para tal, movimentos oculares de acompanhamento, estender o braço e

agarrar, sorrir e balbuciar. Com frequência, um bebê deixa de chorar ao ouvir uma voz ou ver um rosto. Cada um desses tipos de comportamento infantil, na medida em que influencia o comportamento de quem lhe faz companhia, pode aumentar o tempo em que um bebê se mantém próximo a essa pessoa. Depois das doze semanas, aproximadamente, recrudescer a intensidade dessas respostas amistosas.

Na segunda fase, das 12 semanas aos 06 meses, refere-se à orientação e sinais dirigidos para uma figura discriminada (ou mais de uma), a partir disso Bowlby (1990) descreve que um bebê continua comportando-se em relação às pessoas do mesmo modo amistoso que na fase um, mas o faz de maneira mais acentuada em relação à figura materna do que a outras. No que se refere a estímulos auditivos, é improvável que respostas diferenciais sejam facilmente observáveis antes das quatro semanas de idade e, quanto aos estímulos visuais, antes das dez semanas.

A terceira fase, trata-se da manutenção da proximidade com uma figura discriminada por meio de locomoção ou de sinais, esta se dá dos 06 meses aos 03 anos. Nesta fase, como dito por Bowlby (1990), um bebê é não só cada vez mais discriminatório no modo como trata as pessoas, mas o seu repertório de respostas amplia-se para incluir agora o movimento de seguir a mãe que se afasta, de recebê-la efusivamente quando ela regressa, e de usá-la como base para explorações. Concomitantemente, as respostas amistosas e algo indiscriminadas a todas as pessoas também declinam. Certas pessoas são escolhidas para tornar-se figuras subsidiárias de apego; outras não o são. Os estranhos passam a ser tratados com crescente cautela e, mais cedo ou mais tarde, é provável que provoquem alarma e retraimento. Durante esta fase, alguns dos sistemas mediadores do comportamento de um bebê em relação à mãe tornam-se organizados em termos de correção para a meta, e torna-se, então, evidente o apego do bebê à figura materna.

Por fim, a quarta fase está relacionada com a formação de uma parceria corrigida para a meta, ocorrendo após os 03 anos de idade. Bowlby (1990) destaca que durante a terceira fase, a proximidade com uma figura de apego começa a ser mantida pela criança por meio de sistemas corrigidos para a meta, organizados de maneira simples e que utilizam um mapa cognitivo mais ou menos primitivo. Nesse mapa, a própria figura materna passa a ser concebida, a qualquer momento, como um objeto independente dele mesmo, que persiste no tempo e no espaço, e que se movimenta de um modo mais ou menos previsível num contínuo espaço-tempo. Entretanto, mesmo quando esse conceito foi adquirido, não se pode supor que uma criança tem qualquer compreensão do que está influenciando os movimentos de aproximação ou afastamento de sua mãe em relação a ela, ou de que medidas pode tomar para mudar o comportamento materno. É provável que ainda esteja muito além da

competência da criança compreender que o comportamento da mãe está organizado em torno de suas próprias metas-fixadas, as quais são numerosas, que é possível inferir quais sejam essas metas para se agir em conformidade com elas (Bowlby, 1990).

Mais cedo ou mais tarde, porém, tudo isso muda. Observando o comportamento materno e o que o influencia, a criança passa a inferir algo sobre as metas-fixadas da mãe e sobre os planos que ela está adotando para atingi-las. Desse ponto em diante, a visão que a criança tem do mundo torna-se muito mais refinada e o seu comportamento torna-se potencialmente mais flexível (Bowlby, 1990). Usando uma outra linguagem, pode-se afirmar que a criança passa a adquirir um discernimento intuitivo sobre os sentimentos e motivos da mãe. Uma vez atingido este ponto, estão lançadas as bases para o par desenvolver um relacionamento mútuo muito mais completo, ao qual é dado o nome de parceria (Bowlby, 1990).

Com base nisto, destaca-se aspectos mencionados por Ramires e Scheneider (2010), nos quais uma criança que tenha experimentado relacionamentos de apego com pais e/ou cuidadores, evidenciaram capacidade para compreender e atribuir sentidos apropriados para sua vida emocional. Se essa experiência houver falhado, ou apresentar lacunas significativas, poderá ser resgatada, pelo menos em parte no contexto de uma relação terapêutica que proporcione uma base segura.

De tal maneira, diante dos estudos realizados e conforme os escritos de Bowlby (1981), o que se acredita ser essencial à saúde mental é que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe e/ou mãe substituta, na qual ambos encontrem satisfação e prazer. É por meio desta relação complexa, rica e compensadora, nos primeiros anos, enriquecidas de inúmeras maneiras pelas relações que profissionais da psiquiatria, bem como muitos outros julgam, estar na base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental.

2.2. As relações familiares, escolares e outras estabelecidas pela criança, a partir de Bowlby

Para que se compreenda mais sobre a importância das relações, Bowlby (2001) considera que, existe entre os psicanalistas e aqueles que são por eles influenciados, uma ampla área de concordância, pelo menos quanto a algumas das questões cruciais que se referem aos cuidados com a criança. Todos reconhecem, por exemplo, a importância vital de uma relação estável e permanente com uma mãe (ou mãe-substituta) amorosa durante toda a infância e a necessidade de aguardar a maturação antes de arriscar intervenções tais

como o desmame e o treinamento de hábitos pessoais de higiene — e, na verdade, todas as outras etapas na *educação* de uma criança.

Um fator importante e que parece óbvio é que, se um bebê tem o amor e a companhia de sua mãe e logo também a de seu pai, ele crescerá sem uma pressão exagerada de anseios libidinais e sem uma propensão irresistível para odiar. Se não forem supridas tais necessidades, seus anseios libidinais provavelmente serão muito elevados, o que significa que o bebê estará procurando constantemente amor e afeição e será continuamente propenso a odiar aqueles que não conseguem – ou lhe parecem não conseguir – dar-lhe o afeto que ele tanto deseja. De tal maneira, é possível concluir que, respeitando tais necessidades da criança e compreendendo que negá-las equivale frequentemente, a gerar nela forças poderosas de exigências libidinais e a propensão para odiar, o que pode, mais tarde causar grandes dificuldades, tanto para a criança, quanto para os pais/cuidadores (Bowlby, 2001).

Considera-se que o peso sobre satisfazer as exigências dos bebês, acabam recaindo mais fortemente sobre as mulheres. Bowlby (2001) menciona que, diferentemente das épocas passadas, em que a mulher tinha obrigação de cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, nos novos tempos as mulheres ingressam em profissões nas quais desempenham um papel indispensável e que com este progresso, como todo o crescimento e desenvolvimento, acaba por acarretar algumas tensões, surgindo exigências conflitantes entre família e carreira.

Segundo Bowlby (1989), cuidar de um bebê ou criança não é tarefa para uma só pessoa e para que essa tarefa seja bem feita, não levando a pessoa que se ocupa basicamente da criança à exaustão, é necessário prestar-lhe uma grande assistência. A fonte de ajuda é variável, frequentemente vem do parceiro; em muitas sociedades, essa ajuda vem da avó. Cabe também destacar que, atualmente existem variados tipos de serviços prestados como facilitadores e auxiliares na área de cuidado às crianças, como babás e/ou escolas.

A partir destes, destaca-se a importância do comportamento de ligação com uma figura preferida, que se desenvolve durante os primeiros nove meses de vida da criança. Sendo assim, quanto mais experiência, dependendo da qualidade de interação social, um bebê tiver com uma pessoa, maiores são as probabilidades de que ele se ligue a mesma. Por essa razão, torna-se a principal figura de ligação de um bebê aquela pessoa que lhe dispensar a maior parte dos cuidados maternos (Bowlby, 2001).

Como já se sabe, Bowlby (2001) reforça em seus escritos que, o primeiro e o mais persistente de todos os vínculos é geralmente entre a mãe e seu filho pequeno, um vínculo que frequentemente persiste até a idade adulta. De tal maneira acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor

seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que estarão disponíveis a auxiliá-las caso surjam dificuldades.

Para melhor entendimento da magnitude dos aspectos mencionados, Bowlby (2001) explica que no quadro de funcionamento da personalidade existem dois conjuntos principais de influências. O primeiro diz respeito à presença ou ausência, parcial ou total, de uma figura de confiança, disposta e apta a fornecer o tipo de base segura necessária em cada fase do ciclo vital. Estas constituem as influências externas ou ambientais. O segundo conjunto diz respeito à capacidade ou incapacidade relativa de um indivíduo, primeiro, para reconhecer quando uma pessoa é digna de confiança e está disposta a fornecer uma base, e, segundo, se houver esse reconhecimento, para colaborar com tal pessoa de modo que seja iniciada e mantida uma relação mutuamente gratificante.

Ao longo da vida, os dois conjuntos de influências interatuam de maneira complexa e circular. Dependendo do tipo de experiência que uma pessoa tem, especialmente durante a infância, tal desempenhará grande influência sobre o fato de ela esperar ou não encontrar mais tarde uma base pessoal segura, e também sobre o grau de competência que o sujeito possui para iniciar e manter relações mutuamente gratificantes, quando a oportunidade se oferece. No sentido oposto, a natureza das expectativas que uma pessoa tem e o grau de competência que possui desempenham um importante papel na determinação dos tipos de pessoa com quem se associa e do modo como, nesse caso, elas a tratam (Bowlby, 2001).

Sendo assim, Bowlby (2001) salienta que, em virtude dessas interações, seja qual for o primeiro padrão a se estabelecer, é esse que tende a persistir. Esta é uma das principais razões porque o padrão de relações familiares que uma pessoa experimenta durante a infância se reveste de uma importância tão decisiva para o desenvolvimento de sua personalidade. Compreende-se de tal maneira que, o apoio decidido e sistemático dos pais, combinado com o encorajamento e o respeito pela autonomia de uma criança, muito longe de abalar a autoconfiança, fornece, pelo contrário, as condições em que ela pode desenvolver-se melhor. Também ajuda a explicar por que, inversamente, uma experiência de separação ou perda, especialmente quando usadas pelos pais como sanções para induzir o bom comportamento, podem abalar a confiança de uma criança nos outros e em si mesma (Bowlby, 2001).

A partir destes, destaca-se que Bowlby (2001) menciona a autoconfiança, e explica que quando bem fundamentada é, geralmente, o produto de um crescimento lento e não reprimido, da infância até a maturidade, durante o qual, pela interação com outros, incentivadores e confiáveis, a pessoa aprende a combinar a confiança nos outros com a confiança em si mesma.

Vasconcelos (2013) reforça os escritos de Bowlby argumentando que uma criança bem sucedida na compreensão e controle de suas emoções possui níveis de interação sociais mais satisfatórios e, conseqüentemente, um nível de desenvolvimento cognitivo mais expressivo.

É possível se obter a compreensão pelo estudo desenvolvido por Bowlby (1989), de que o fornecimento de uma base segura a partir da qual uma criança ou um adolescente podem explorar o mundo exterior e a ele retornar certos de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem amedrontados, é fundamental. Essencialmente, trata-se de estar disponível, pronto para responder quando solicitado, para encorajar e, talvez, dar assistência, porém só intervindo ativamente quando for necessário. Na maior parte do tempo, o papel da base é estar pronta para ajudar, mas não é esse, no entanto, o seu papel vital.

Existem provas de que crianças em fase escolar de idades diversas – da creche-escola em diante – de que aqueles emocionalmente mais estáveis e que aproveitam ao máximo as oportunidades são aqueles cujos pais, ao mesmo tempo em que encorajam a autonomia de seus filhos, estão disponíveis e prontos a responder quando requisitados (Bowlby, 1989).

A partir disso, pode-se enfatizar que, como supracitado por Bowlby (1989), a ativação do comportamento de apego em determinadas circunstâncias é, provavelmente, universal e deve ser considerado uma norma. Um traço do comportamento de apego, clinicamente de grande importância e sem considerar a idade do indivíduo em questão, é a intensidade da emoção que o acompanha, o tipo de emoção que surge de acordo com a qualidade da relação entre a pessoa apegada e a figura de apego.

MÉTODO

Delineamento

O presente trabalho tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória e interpretativa. O delineamento qualitativo, segundo Laville e Dionne (1999), conserva a forma literal dos dados, de tal maneira o pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem. Essa significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e nas relações entre eles, que escapa amiúde ao domínio do mensurável.

Em Gil (2008), foi visto que ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores e são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil, sobre ele, formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (Gil, 2008).

Referente à pesquisa interpretativa, conforme Gil (2008), procura-se estabelecer uma relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos, o que significa conferir um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica.

A vista disso, este trabalho objetivou o estudo das possíveis contribuições da teoria do apego nas relações familiares, escolares e outras, buscando identificar a maneira como tais aspectos influenciam na constituição psíquica da criança, obtendo assim, um melhor entendimento e compreensão de tais fenômenos.

Fontes

Como fonte foi escolhido um filme que exemplificasse as relações estabelecidas pela criança e a forma como estas podem influenciar em seu desenvolvimento. O artefato cultural escolhido para analisar o tema em questão foi o filme *Milagre na cela 7* (2019), dirigido por Mehmet Ada Öztekin.

Trata-se da história de um homem chamado Memo que possui deficiência intelectual, pai solteiro, ele vive no interior de uma cidade na Turquia com sua filha Ova e sua avó Fatma. Muito amável o personagem é totalmente dedicado à sua família, entretanto quem sofre com a sua deficiência é a filha, que convive com o *bullying* em sua escola e com a angústia de ver seu pai ser destrutado por quem não a conhece, mas apesar disso ela entende que ele é especial e a ama incondicionalmente, além de receber o apoio de sua bisavó, conta com o suporte de sua professora Mine.

A vida da família muda quando o personagem se envolve em um acidente que acaba ocasionando a morte da filha de um importante tenente do exército turco. O pai da menina, tomado pela raiva, ordena a captura e prisão de Memo, enviando-o para uma prisão enquanto aguarda a ordem de execução da pena de morte. Com estes acontecimentos, a personagem Ova destaca-se pela maneira que lida com as novas situações, bem como, estes acabam por influenciar em seu comportamento e desenvolvimento.

A escolha deste artefato, se deu com o intuito de utilizar a história da pequena Ova, observando a maneira pela qual se estabeleceram as relações da personagem ao longo do filme, assim como, ela lida com os acontecimentos ocorridos. Tendo como embasamento a teoria do apego de Bowlby, sustentando as ideias e pensando de que maneiras tais aspectos impactaram na vida e na constituição psíquica desta criança.

Instrumentos

O instrumento escolhido para a organização dos dados retirados do filme foi o de tabelas. Estas auxiliaram na identificação, análise e interpretação das informações mais relevantes que foram levantadas durante a pesquisa (Gil, 2008).

Segundo Gil (2008), a maioria dos relatórios de pesquisa social requer a inclusão de tabelas para resumir ou sintetizar dados. Embora pudessem ser feitas por meio de programas específicos de computador, assumindo variadas formas de apresentação, convém lembrar que sua apresentação é normatizada pela Resolução 886, de 26 de outubro de 1966, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1967).

Procedimentos

A revisão de literatura foi construída a partir de materiais teóricos utilizados, por meio de consultas a artigos científicos nas bases de dados no Portal Periódico da CAPES, *Scielo* e *Pepsic*, também foram utilizados livros clássicos da biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e de acervo pessoal sobre teoria do apego e psicanálise. Em um primeiro

momento, foi realizada a leitura dos materiais para que houvesse um melhor entendimento e seleção de dados que possuíam relação com o conteúdo de pesquisa em questão. Após foi então, realizada a construção da revisão de literatura. Os descritores utilizados foram: teoria do apego, constituição psíquica, importância das relações na infância.

Posteriormente, foi selecionado um artefato cultural, assistido o filme escolhido por diversas de vezes, para que de tal maneira fosse possível identificar as principais cenas que fariam elo com o tema em questão. A partir disto, foram recortadas as cenas principais e mais importantes observadas.

Após foram realizados agrupamentos dos recortes das cenas elencados as categorias, nomeando-as para melhor organização e compreensão do que se estava averiguando. E ao final, foram analisadas as categorias em questão de maneira que se tornou possível exemplificar e ampliar a discussão do conteúdo em questão.

Referencial de Análise

O referencial de análise utilizado teve como base o método de Análise de Conteúdo de Laville e Dionne (1999), o qual tem a finalidade de permitir ao pesquisador encontrar-se rapidamente no momento da análise e da interpretação em função de suas questões. Questões que, guiaram a escolha dos documentos e orientaram também está primeira organização do material.

O principal aspecto da análise de conteúdo é desmembrar a estrutura e os elementos do mesmo em busca de esclarecimentos de suas diferentes características, de tal maneira extraindo a sua significação. Para tal, foi necessário empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõe, procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das ideias principais. A análise de conteúdo pode ser utilizada em muitos materiais pelo fato de permitir abordar uma grande variedade de objetos de investigação (Laville & Dionne, 1999).

Como já mencionado, nos procedimentos foi feito o recorte de cenas do filme escolhido, de tal maneira sendo observados os conteúdos contidos nas mesmas para que se pudesse melhor exemplificar os temas abordados pela pesquisa. Tais foram ordenados dentro de categorias. A partir disso, foi optado pelo modelo aberto, de maneira que foram selecionadas categorias iniciais podendo o pesquisador, caso achasse necessário, modificá-las visando a melhora no desenvolvimento dos conteúdos em questão por meio da análise.

De acordo com Laville e Dionne (1999), o recurso de uma grade aberta é frequente nos estudos de caráter exploratório, quando o pesquisador conhece pouco a área em estudo e sente a necessidade de aperfeiçoar seu conhecimento de uma situação ou de um fenômeno a fim de enunciar hipóteses. Sendo assim, podendo observar todos os elementos que se mostram significativos sem limitar-se aos elementos predeterminados.

A abordagem foi então indutiva: o pesquisador partiu com um certo número de unidades, agrupando as de significação aproximada, para obter um primeiro conjunto de categorias rudimentares. Esse conjunto constituiu o ponto de partida de um procedimento que, por etapas sucessivas, conduziu-lhe as categorias finais (Laville & Dionne, 1999).

Laville e Dionne (1999) ainda mencionam que, um primeiro retorno crítico sobre o que foi assim elaborado, quando o pesquisador vê cada unidade de conteúdo e a categoria na qual foi colocada conduz a um eventual remanejamento das categorias, algumas nascendo de determinada reflexão, enquanto outras mudam ou desaparecem, e obriga a precisar suas características e os termos que as definem. Completado esse retorno crítico, ele é repetido tantas vezes quantas forem necessárias, cada vez que a categorização for modificada: pouco a pouco essa se estabiliza, suas rubricas desenham-se mais nitidamente, os enunciados ambíguos, de início deixados à parte, conseguem encontrar seu lugar, assumindo as categorias sua forma definitiva.

O pesquisador revisou, então, cuidadosamente as características de cada uma, a fim de bem precisar o que a distingue das outras. Foram resumidas essas características em um título que encabeçou e permitiu falar sobre ela mais facilmente. Mas, o que é mais importante, essas características lhe serviram para definir os critérios de pertinência, em virtude dos quais puderam decidir a inclusão das unidades de conteúdo na categoria, no momento de proceder a classificação final do conjunto desses conteúdos. As categorias e seus critérios de pertinência constituem a própria grade de análise. Uma grade de análise aberta é habitualmente elaborada a partir de somente uma fração dos conteúdos, salvo se esses são reduzidos (Laville & Dionne, 1999).

No que tange à modalidade de análise e interpretação, foi aplicada a estratégia de emparelhamento, que segundo Laville e Dionne (1999), consiste em emparelhar ou, mais precisamente, em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los. Tal supõe a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apoiou-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo. Em seguida foi necessário que se verificasse se existia correspondência entre essa construção teórica e a situação observável, a fim de comparar seu modelo lógico ao que aparece nos conteúdos, objetos de sua análise.

A qualidade da organização lógica do quadro operacional mostrou-se aqui primordial, pois a grade de análise que dela emerge torna-se não só o instrumento de classificação, mas também o de toda a análise-interpretação dos conteúdos (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

A tabela abaixo visa organizar as categorias de análise, na qual foi utilizado como fonte o filme *Milagre na cela 7* (2019). O artefato foi visualizado por diversas vezes, após sendo realizada a seleção de cenas e agrupando-as em categorias. A partir disso, apresenta-se três categorias: relações entre Ova e seus familiares (pai/bisavó), relação de Ova com professora e colegas, e relação de Ova com terceiros. O intuito é de responder os objetivos de pesquisa, tendo como base o referencial teórico e também possibilitando a realização de uma discussão interpretativa.

Tabela 1

Categorias de análise e cenas referentes ao filme

Categorias	Cena
1. Relação entre Ova e seus familiares (pai e bisavó)	<p>Cena A - Ova conversa com sua bisavó Fatma, e o questiona sobre o que há de errado com seu pai, perguntando se Memo é maluco, Fatma no mesmo momento repreende a menina, pedindo respeito. De tal maneira, Ova explica que ouviu os colegas da escola o chamando assim, então sua bisavó pede para que ela defenda o seu pai e não dê ouvidos aos colegas. A menina então afirma que percebe seu pai diferente dos <i>outros pais</i>, Fatma concorda e lhe explica que ele é realmente diferente dos outros, e o que lhe faz especial/diferente é o fato de Memo ter a mesma <i>idade</i> que a menina.</p> <p>Cena B - Ova está praticando leitura na sala de casa com seu pai e sua bisavó, a menina chama atenção de Memo lhe questionando sobre a história a qual está lendo, comentando que os pais da personagem de seu livro estão mortos e ele afirma que sim, que eles “viraram anjos” e por isso a personagem era criada pela sua tia. Ova então o questiona com a</p>

seguinte fala: “Papai, você não vai morrer, né? Você não vai embora como a mamãe?” E Memo então responde, que ele não vai morrer, que ficará com a filha para sempre. A menina retoma sua leitura, enquanto Fatma os observa e fica pensativa.

Cena C - Ao ser barrada pelos guardas da prisão no dia da visitação a seu pai, Ova aproveita um momento de distração de sua avó Fatma e foge dando a volta no pátio da penitenciária. Em seguida ela se aproxima de um muro que faz divisa com o pátio onde os presos tomam sol. Ela grita por Memo, chamando “papai”, mas só é atendida de fato quando o chama por “lingo, lingo!” um código utilizado entre pai e filha. De tal maneira, este chamado sinaliza para Memo que é sua filha que está lhe chamando e responde seu chamado com “garrafas!”. Eles começam a conversar, cada um em um lado do muro, então Ova pergunta para seu pai onde ele está, avisando-o que os guardas não lhe deixam entrar e afirma ter conseguido encontrar uma *prova* que poderá inocentar Memo. Após os guardas se deparam com a cena, encontrando Ova e o tiram de perto do muro, o que faz com que ela grite, pedindo para ser solta e Memo, escutando do outro lado do muro, fica muito nervoso se alterando, ao pensar que podem estar fazendo mal à ela.

Cena D - Ova está com sua bisavó, que está a colocando para dormir, então a menina a questiona sobre onde está sua mãe, Fatma responde que ela virou um anjo e está no céu. A menina fica pensativa e questiona, quando elas irão para o céu,

a bisavó tenta então lhe explica que existe alguém lá no céu e quando esse alguém lhes chamar será o momento, a menina segue questionando quem é esse alguém e Fatma responde, dizendo que é Deus. E então Ova pergunta: “se você for morar no céu, quem vai cuidar de mim?” Fatma fica reflexiva, e responde para a menina ficar despreocupada, pois ela ficará com ela até que cresça. Ova então questiona também sobre quantos dias faltam para que seu pai Memo volte para casa, e a bisavó tenta confortá-la, dizendo que faltam poucos dias.

Cena E - Após dias distantes de seu pai, em função da prisão, Ova consegue entrar escondida na cela onde Memo está para visitá-lo. Ao se reencontrarem, os dois se abraçam muito e a menina fala o quanto estava com saudades. É um momento de muito carinho trocado entre abraços e beijos. Em seguida Ova tenta confortar seu pai explicando que encontrou uma pista importante e que pode ajudá-lo a provar sua inocência.

2. Relação de Ova com professora e colegas

Cena F - Ova recebe de sua professora Mine, um laço vermelho representando alguma gratificação alcançada por seu desempenho/comportamento na escola. Ela é chamada em frente a turma e é aplaudida pelos colegas. Na saída da escola, o seu pai Memo a aguarda e a recebe de braços abertos parabenizando a filha pela conquista. Enquanto eles estão conversando, alguns meninos colegas de Ova começam a gritar ridicularizando Memo, o chamando de “maluco”, a professora que presencia a cena chama atenção das crianças pedindo respeito e cumprimenta o pai de sua aluna.

Cena G - Fatma, bisavó de Ova pede o auxílio da professora Mine para ir ao encontro da menina que desde a prisão de seu pai, não foi mais para a escola e não está mais obedecendo a uma rotina, além de ter ficado boa parte do dia nos montes da cidade, na expectativa de conseguir uma prova para inocentar seu pai. Mine então vai ao encontro de Ova e conversa com ela, lhe questionando sobre o motivo de sua ausência nas aulas. Ova explica para a professora que está em busca de auxílio para inocentar seu pai e que a bisavó não acredita que ela possa conseguir. Mine tenta motivar Ova, convencendo-a retornar para a escola, e em troca o auxiliará a ver seu pai Memo.

Cena H - Ao retornar do encontro com seu pai, Ova é recepcionada em casa por sua professora Mine. A menina chega muito feliz do encontro, contando como foi e percebe uma movimentação diferente no lugar, questionando Mine sobre o por que estão todos em sua casa, em seguida ela chama por sua bisavó Fatma. Então Mine acolhe Ova e lhe explica o que aconteceu com Fatma, sobre o fato dela ter falecido, ou como lhe é dito “virado anjo”. Ova questiona se a bisavó foi para o céu e diz que ela o havia prometido permanecer junto dela, até que ela crescesse e pergunta sobre quem irá cuidar dela a partir daquele momento. A professora muito emocionada conforta a menina, e lhe assegura que cuidará dela.

Cena I - Ova está na casa de sua professora, a mesma recebe uma ligação com notícias sobre o

caso de Memo, em seguida comunica a menina sobre as novidades que recebeu, mencionando que existe uma possível chance de seu pai ser inocentado no julgamento. Mesmo com uma boa notícia, Ova não esboça nenhuma reação, permanece quieta e com o olhar distante, parecendo ignorar a tentativa de aproximação da professora. Mine consegue perceber a tristeza da menina e tenta confortá-la lhe contando uma história pessoal, na qual fala sobre a sua relação com o seu pai e compartilha alguns sentimentos com Ova, que lhe escuta atentamente e manifesta a vontade de encontrar com seu pai.

3. Relação de Ova com terceiros

Cena J - Ova está no pátio de sua casa, quando é surpreendida por dois homens, que a chamam por meio de um código que só ela e seu pai utilizam para se comunicar e questiona os mesmos sobre como sabem do que aquelas palavras se tratam. Um dos homens explica para a menina, que foram ao seu encontro a mando de seu pai, para que ela possa visitá-lo, mas na verdade eles estão lá a mando de um dos colegas de cela de Memo, que resolveu fazer o intermédio para que pai e filha pudessem se encontrar. Ova acredita nos rapazes e sorri, aceitando suas explicações.

Cena K - Ova chega na penitenciária para a visitar seu pai acompanhada da esposa de um dos colegas de Memo. Tal mulher está auxiliando Ova na tentativa de facilitar a entrada da menina na cela onde os prisioneiros se encontram. De tal maneira ela orienta Ova sobre onde ela deve esperar e como agir perante os guardas. A menina questiona sobre

onde seu pai está, parecendo estar desconfiada, mas segue as orientações que lhe foram dadas, até que um dos guardas lhe apanha.

Cena L - Ao observarem a troca de afetos entre pai e filha, os colegas de cela de Memo ficam encantados com Ova e resolvem se apresentar à ela. A menina de início fica desconfiada, e questiona Memo se aqueles homens são maus, ele então explica que todos são seus amigos, e os mesmos concordam. Após, a menina comenta com os prisioneiros sobre uma possível prova que possa inocentar seu pai, eles a escutam com atenção, acreditando no que a menina conta e lhe elogiam sobre a sua inteligência. Então é chegado o fim da visitação e um dos homens explica para a menina o porquê de ela não poder permanecer no local, o conforta dizendo que seu pai ficará bem, será bem tratado e assim que possível estará de volta a convivência com ela. Ova muito curiosa, questiona quais os motivos que lhes levaram a prisão e escuta atentamente cada um dos prisioneiros, tentando conformá-los e apontando *sugestões* de como melhorarem os seus mal feitos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão sucede-se baseada na integração dos conteúdos apresentados no referencial teórico relacionando-se com as categorias desenvolvidas. Tal tem por objetivo aprofundar e ponderar a temática em questão, direcionando-a para uma reflexão acerca da resposta do problema de pesquisa.

Categoria 1: Relação entre Ova e seus familiares (pai/bisavó)

Esta categoria se propõe discutir os conteúdos emergentes dos relacionamentos estabelecidos entre Ova e seu pai, bem como com sua bisavó, que são as figuras familiares as quais se apresentam como principais no cotidiano da personagem.

Pensando na infância, sabe-se que conforme mencionado em Bowlby (1989) cuidar de uma criança não é tarefa para uma só pessoa e para que esta seja bem feita, não sobrecarregando uma única pessoa, é necessário prestar-lhe uma grande assistência. Pode-se considerar importante a rede de apoio da família no desenvolvimento de Ova, levando em consideração o fato de seu pai ter deficiência intelectual, e sua mãe já ser falecida, a bisavó é uma figura de forte apoio na criação da menina, sendo possível se identificar tal aspecto nas cenas A e B. Nestas cenas pode-se perceber que existe uma relação de confiança muito bem estabelecida entre os personagens, nesta rede de apoio, bem como uma troca sincera nos ensinamentos passados para a criança, expondo sempre a verdade nas respostas em relação aos questionamentos levantados por ela, tendo em vista o seu bem estar. Pode-se perceber, também, que ela possui consciência de que seu pai é diferente dos demais e que para ela isso não é um problema, apenas busca uma melhor maneira de compreender o porquê e o que lhe faz ser dissemelhante, bem como o fato de ela se identificar com a história de sua leitura, fazendo alguns questionamentos sobre a morte. Perante estes acontecimentos considera-se que existe um suporte de confiança a qual a criança se sente segura e à vontade para abordar determinados assuntos, certa de que será auxiliada e confortada pela sua base.

Como já visto, a partir dos escritos de Bowlby (2001) destaca-se que existem evidências sobre o fato de seres humanos independentemente da idade, demonstrarem-se mais felizes e capazes de desenvolver melhor seus talentos quando possuem segurança de que, por trás deles, existem pessoas que estarão disponíveis a auxiliá-las caso surjam dificuldades. Com isso entende-se que o apoio combinado com o encorajamento e o respeito pela autonomia de uma criança, fornece condições para que ela possa ter um crescimento saudável. Pode-se observar que a personagem Ova demonstra-se muito confiante e segura

em relação a muitos aspectos, mesmo às vezes fazendo alguns questionamentos, aceita e é compreensiva com as explicações que recebe. Uma cena na qual é possível se observar autonomia e uma atitude de enfrentamento por parte da menina, é a cena C. Nela, seu pai está preso e na tentativa de lhe encontrar no dia de visitação na penitenciária, ela e suas acompanhantes são barradas e mesmo com as dificuldades impostas ela aproveita um momento de distração de sua bisavó e sozinha consegue driblar as dificuldades sem medo, chamando por seu pai e de tal maneira, atingindo o objetivo o qual buscava, conseguindo dialogar com ele mesmo que por instantes. É possível identificar o quanto a menina usufrui de sua autonomia e possui segurança em suas atitudes, vislumbrando que sempre haverá uma recompensa e/ou aprendizado em cada ato, sendo este o reflexo de uma rede de apoio segura e fomentadora (Bowlby, 2001).

Sabe-se que é fundamental o fornecimento de uma base segura para que a criança possa explorar o mundo exterior e a ele retornar certos de que será bem recebida e nutrida daquilo que necessita, encontrando conforto e amparo independentemente da situação. De tal maneira, tratando-se assim do fato da disponibilidade que esta base lhe oferece, pronta para responder quando solicitada, bem como encorajar de prestar assistência, intervindo ativamente apenas quando necessário (Bowlby, 1989). Neste sentido pode-se relacionar com a cena D, quando a menina Ova está com sua bisavó e lhe faz diversos questionamentos em relação a seus pais e os acontecimentos recentes. Estes parecem causar insegurança à personagem, porém ainda assim ela consegue ter uma troca significativa com uma de suas figuras de referência desta base, demonstrando-se compreensiva e confortada pelo suporte que lhe é dado. Também pode-se observar que a criança em questão, sente-se muito segura em relação a este vínculo estabelecido, tendo a liberdade para conversar sobre qualquer assunto possuindo a certeza de que nada lhe será escondido e que sempre terá alguém para ampará-la. É possível pensar, conforme Bowlby (1989) que um traço importante do comportamento de apego, diz respeito à intensidade e tipo da emoção que acompanha o sujeito e que surge de acordo com a qualidade da relação estabelecida entre a pessoa apegada e a figura de apego.

Ribas e Moura (2004) mencionam que o apego nada mais é do que uma disposição no empenho para estabelecer proximidade e contato com uma figura específica e o seu principal aspecto é o estabelecimento do senso de segurança. Tais comportamentos podem ser observados e organizados a partir das interações das crianças com seus cuidadores, permitindo assim que ela consiga ter e manter a proximidade. Bowlby (1989) considera que a teoria do apego explica tanto os comportamentos de apego, bem como os apegos duradouros que são estabelecidos. A partir dos conteúdos supracitados, sabe-se que existem

três modelos principais de apego, pensando nisto destaca-se o primeiro deles, o apego seguro, no qual o indivíduo apresenta-se confiante de que seus pais (figuras paternas) estarão disponíveis oferecendo o suporte necessário independentemente da situação. Tal modelo é promovido por um dos pais, nos primeiros anos quando se apresentam disponíveis, sensíveis aos sinais da criança e com respostas amáveis sempre que ela carecer de auxílio, conforto e/ou proteção (Bowlby, 1989).

Partindo destas considerações teóricas, pode-se fazer relação com a cena E, uma vez que é possível se considerar o tipo de relação estabelecida entre pai e filha, ou seja, os dois estabelecem um vínculo de ligação seguro, de confiança, afetuoso e totalmente disponível. Pode-se pensar que este modelo de apego está bem estabelecido entre eles, na medida em que, mesmo com seu pai tendo dificuldades de comunicação, bem como o fato de processar as informações de maneira mais lenta, a personagem Ova consegue compreendê-lo e encontrar segurança e conforto na relação com ele. Com isto, é possível identificar aspectos mencionados por Ramires e Scheneider (2010), em relação às experiências que a criança tenha obtido a partir de seus relacionamentos de apego com pais e/ou cuidadores, nos quais evidenciam a capacidade de compreensão e atribuição de sentidos apropriados para a sua vida emocional.

Categoria 2: Relação de Ova com professora e colegas

Nesta categoria discute-se conteúdos decorrentes das relações estabelecidas pela personagem a partir de seu contato com o mundo exterior, a partir dos vínculos estabelecidos para além da família.

Como mencionado anteriormente, na atualidade existem variados tipos de serviços prestados como facilitadores e auxiliares na área de cuidado e educação direcionado às crianças. A escola é um destes ambientes que proporcionam experiências diferentes para a criança, reconhecendo suas capacidades, desenvolvendo sua autonomia e confiança, além de acolher e encorajar para que os processos de aprendizagem e educação estejam sempre em constante evolução. A partir desta perspectiva, pode-se pensar na autoconfiança que conforme Bowlby (2001), quando a mesma é bem fundamentada na infância até a maturidade, a partir da interação com outros, incentivadores e confiáveis, que o sujeito aprende a combinar a confiança no outro com a confiança em si mesma. Pode-se assim, pensar que na cena F, quando a personagem Ova é reconhecida pela sua dedicação às tarefas e comportamento na escola e o quanto este gesto da professora e de sua turma, pode estar

motivando-a e lhe fornecendo a confiança necessária para que o seu esforço seja ainda mais valorizado e rendendo bons aprendizados a partir da troca que tem no ambiente escolar.

É possível se compreender, a partir do conteúdo supracitado por Bowlby (1989), que o comportamento de apego é qualquer forma de comportamento resultante do alcance e estabelecimento de proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado. De tal maneira o reconhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece repostas, fornece o sentimento de segurança, assim encorajando o indivíduo a valorizar e a continuar tal relação. Supõe-se que, a partir da cena G a professora de Ova é uma figura bastante importante para a menina, ficando claro que há uma relação de afeto positivo bem estabelecida entre as duas, de maneira que se apresentam aspectos que indicam um comportamento de apego adequado.

Ressalta-se a importância do entendimento do quadro de funcionamento da personalidade da criança, que como dito por Bowlby (2001), há dois conjuntos principais de influência: o primeiro refere-se à presença ou ausência, parcial ou total, de uma figura de confiança que esteja disponível a fornecer o tipo de base segura necessária, sendo constituído por influências externas ou ambientais. E o segundo, diz respeito à capacidade ou incapacidade relativa de um sujeito para reconhecer quando uma pessoa é digna de confiança, demonstrando-se disponível para o fornecimento de uma base. Havendo esse reconhecimento, é possível que se inicie e se mantenha o estabelecimento de uma relação mutuamente gratificante. Estes conjuntos de influências interatuam de maneira complexa e circular. Portanto, dependendo do tipo de experiência que um indivíduo tem, especialmente durante a infância, tal influenciará o fato de ela encontrar uma base pessoal segura futuramente, bem como no grau de competência para iniciar e manter relações gratificantes. Neste sentido, pode-se supor que a partir da cena H, a personagem Ova possui uma relação mutuamente gratificante com a sua professora, sendo ela uma figura de confiança, que se encontra apta a fornecer os cuidados que a menina carece para que assim ela possa se desenvolver de maneira saudável e segura, mesmo passando por dificuldades e perdas significativas.

Na cena I, pode-se observar que a professora assumiu a responsabilidade de cuidar e responder pela menina Ova. Com isso, a partir da descrição da mesma, é possível identificar um comportamento diferente do que a menina costumava apresentar, demonstrando-se triste e sem consentir com a tentativa de aproximação da personagem Mine. Neste sentido pode-se relacionar que a partir do sistema de controle do comportamento de apego, mencionado por Bowlby (1989), que é o que mantém a relação do indivíduo com a sua figura de apego, existem certos limites de distância e acessibilidade, que agem como um método de

comunicação. Ribas e Moura (2004) citam que a qualidade do apego dependerá da natureza das interações adulto-criança. De tal maneira, supõe-se que mesmo tratando-se de uma relação bem estabelecida, existem demarcações as quais demandam atenção para que sejam respeitadas e para que com isso, ela seja ainda mais valorizada por aquele que carece deste espaço.

Categoria 3: Relação de Ova com terceiros

Como terceira e última categoria, nesta aborda-se as relações estabelecidas pela personagem com terceiros, sendo estas figuras importantes para que se obtenha compreensão da maneira com a qual a menina lida com determinadas situações, bem como a base por trás de sua personalidade.

A partir do aporte teórico que subsidia esse estudo, enfatiza-se que Bowlby (1989) considera que embora os modelos de apego formados estejam aptos a persistirem, não é exatamente assim. Existem evidências de que nos dois ou três primeiros anos de vida, o modelo de apego é uma propriedade da relação, com isso dependendo da maneira como a criança é tratada o seu modelo poderá ser influenciado. À medida em que ela cresce, o modelo se torna cada vez mais uma propriedade da própria criança, o que significa que ela tenderá a impô-lo às novas relações que estabelecer. Dito isto, na cena J, pode-se identificar certa segurança na maneira com a qual a menina conversa com os dois homens que vão ao seu encontro, o quanto está atenta as explicações que eles lhe dão, não se deixando influenciar facilmente, sendo bastante questionadora e atenta. Pode-se pensar que o modelo de apego de Ova esteja bem estabelecido, a partir da sua base segura advinda da criação e relações bem estabelecidas no âmbito familiar.

A partir do conteúdo acima, fazendo relação com a personagem, que por sua vez apresenta um modelo propriamente estabelecido, pode-se pensar no que foi dito por Bowlby (2001), que é baseando-se na qualidade das interações estabelecidas pela criança, seja qual for o primeiro padrão a se estabelecer, é esse que geralmente tende a persistir. Neste sentido, este é um aspecto importante a ser observado no padrão de relações familiares, pois ela experimenta determinados acontecimentos durante a infância e tais acarretam uma importância decisiva para o desenvolvimento de sua personalidade. Na cena K, Ova experimenta mais um momento de contato com uma pessoa que não é de sua convivência. Com isto, pode-se supor que a maneira como a personagem lida com os acontecimentos e como se comporta com esta pessoa desconhecida reflete algumas características importantes

de sua personalidade, ou seja, de como ela lida com determinadas situações a partir das interações já estabelecidas pela menina.

Na cena L, Ova se depara com a presença de vários desconhecidos, e mesmo estando junto de seu pai e parecer receosa em um primeiro momento, ela não deixa de questionar e dialogar com os homens em questão. Apesar de parecer ter medo, ela não deixa de explorar aquele ambiente e as experiências que o mesmo está a lhe proporcionar. Dito isto, é possível fazer ligação com o que é apresentado por Vasconcelos (2013), que reforça os escritos de Bowlby, argumentando que uma criança bem sucedida na compreensão e controle de suas emoções, possui níveis de interação sociais mais satisfatórios e, conseqüentemente, um nível de desenvolvimento cognitivo mais expressivo. Assim, pode-se supor que Ova, partindo do princípio que sua base segura está bem estabelecida, possui uma maturidade significativa em relação aos acontecimentos ao seu redor e que lida com eles de forma tranquila, tendo controle das emoções que esboça.

Portanto, retoma-se a ideia de Bowlby (1989), ao explicar que a teoria do apego tem como conceito-chave o sistema comportamental, dito isto é possível observar e fazer relação com os acontecimentos vistos nas cenas do filme comportamentos expressivos por parte da personagem que exemplifiquem a teoria em questão. Como citado por Dalbem e Dell'Aglio (2005), considerando que as primeiras relações estabelecidas na infância afetam o padrão de apego do indivíduo, ao longo de sua vida (Bowlby, 1989) e “que processos de rompimento de vínculos de apego, tanto na infância e adolescência quanto na vida adulta, acarretam transformações nas imagens do *self*, entre outros fatores” (Baker em Dalbem & Dell'aglio, 2005, p. 20), a teoria do apego representa um campo repleto de possibilidades de aplicações, benéficas a áreas dedicadas à compreensão do desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo identificar possíveis contribuições da teoria do apego, quanto às relações familiares, escolares e outras, interferindo na constituição psíquica de uma criança. De tal maneira, para que estas pudessem ser melhor compreendidas, foi construída uma revisão teórica na área da psicologia para que melhor se desenvolvesse a elaboração dos os conceitos objetivados.

Pode-se considerar que os objetivos propostos foram atingidos e que o artefato cultural de escolha, *Milagre na cela 7* (2019), foi de suma importância para a compreensão dos aspectos estudados. O filme viabilizou a realização de uma discussão bem articulada com o conteúdo construído a partir dos resultados explorados no artefato. Por meio das categorias e cenas discutidas, foi possível perceber o quanto é importante as relações estabelecidas na infância para o desenvolvimento, bem como para a constituição psíquica da criança. Pode-se obter compreensão de que é a partir da qualidade de uma base segura bem estabelecida com primeiras figuras de referência da criança, que se darão às demais relações. O fornecimento desta base segura, encoraja a criança a fazer explorações, certa de que sempre terá amparo e incentivo em relação às novas descobertas. De tal maneira, pode-se considerar que a formação dos vínculos, é resultante do modelo de apego de acordo com as vivências obtidas na infância, a partir dos ensinamentos repassados pelas figuras de referência.

Pode-se compreender também que as relações estabelecidas para além da família são cada vez mais comuns, o que amplia a rede de relacionamentos na infância e que o fato de um relacionamento de confiança bem estabelecido entre as partes, só tem a beneficiar o desenvolvimento da criança em questão, pois as raízes da vida emocional dos sujeitos, se dão a partir da infância, de maneira que os acontecimentos nos primeiros anos de vida possam vir a influenciar a estrutura e funcionamento da personalidade do indivíduo quando adulto. De tal maneira, compreende-se que a personalidade saudável decorre de um desenvolvimento suficientemente bom nos primeiros anos de vida.

Por fim, sugere-se a continuidade de estudos relacionados a esta área, considerando a importância da temática em questão acerca do entendimento e compreensão dos acontecimentos decisivos que estabelecem a estruturação do psiquismo da criança.

REFERÊNCIAS

- Albornoz, A. C. G. & Nunes, M. L. T. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, 9(2), 211-218. DOI: 10.1590/S1413-82712004000200012
- Becker, A. P. S. & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 238-260. Acesso em 31 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100014&lng=pt&tlng=pt.
- Bowlby, J. (1981). *Saúde mental e cuidados maternos* (1ª ed.; V. L. B. Souza & I. Rezzini, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego* (S. M. Barros, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1988)
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda* (Vol. 1; 2ª ed; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. (3ª ed.; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Cambuí, H. A., Neme, C. M. B. & Abrão, J. L. F. (2016). A constituição subjetiva e saúde mental: contribuições Winnicottianas. *Ágora*, 19(1), 131-145. DOI: 10.1590/S1516-14982016000100009
- Carvalho, E. E. (2017). A Participação da Família na Escola e as suas Implicações na Formação Social da Criança. *Psicologado*. (2017). Disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-participacao-da-familia-na-escola-e-as-suas-implicacoes-na-formacao-social-da-crianca>.
- Couto, D. P. (2017). Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-10. DOI: 10.24879/201700110010094
- Dalbem, J. X. & Dell'aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), p. 12-24. Acesso em 31 de maio, 2020, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a03.pdf>
- Freud, S. (1996). *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. In J. Salomão. Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. VII; pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

- Freud, S. (2014). *Compêndio da psicanálise / Sigmund Freud*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1938)
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Editora Atlas. (Trabalho original publicado em 1987)
- Guimarães, V. C. (2012). A concepção Freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. *Educativa Goiânia*, 15(1), 53-66. DOI: 10.18224/educ.v15i1.2441
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1967). Normas de apresentação tabular. Rio de Janeiro: IBGE. Acesso em 05 de abril, 2020, de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv82497.pdf>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, trads.). Porto Alegre: Artes Médicas/Belo Horizonte: Editora da UFMG. (Trabalho original publicado em 1997)
- Lopes, A. B. V. & Conte, E. (2019). Adaptação de crianças pequenas ao ambiente escolar: a importância da afetividade. Acesso em 31 de maio, 2020, de http://dspace.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1174/1/adapta%C3%A7%C3%A3o_de_crian%C3%A7as_pequenas_ao_ambiente_escolar_a_import%C3%A2ncia_da_%20afetividade.pdf
- Ramires, V. R. R. & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. DOI: 10.1590/S0102-37722010000100004.
- Ribas, A. F. P. & Moura, M. L. S. (2004). Responsividade materna e a Teoria do Apego: Uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315-322. DOI: 10.1590/S0102-79722004000300004
- Turan, S. (Produtor) & Öztekin, M. A. (Diretor). (2019). *Milagre na cela 7* [filme]. Turquia: Netflix & CJ Enterteinement Turkey.
- Vasconcelos, T. S. F. (2013). A influência das relações de apego entre pais e filhos na compreensão das emoções pelos filhos. Dissertação de mestrado não-publicada, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil. Acesso em 15 de abril, 2020, de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10444>.